

Memórias docentes: a constituição de um acervo de memória oral do CEME Faced/UFRGS a partir de depoimentos entre os anos de 2023 e 2025 na Faculdade de Educação da UFRGS

Sibila Francine Tengaten Binotto¹

Danielle Brum Ginar Telles²

Resumo

Esta comunicação apresenta um relato de experiências a partir das entrevistas realizadas com professores/as da Faculdade de Educação e da constituição do acervo de memória institucional docente, pertencente ao Centro de Memórias da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME Faced/UFRGS), no período de 2023 a 2025. A prática teve início em 2011, com o Projeto de Extensão “Memória Faced: uma experiência de pesquisa com história oral”, desenvolvido pela atual coordenadora do espaço, professora Dóris Bittencourt Almeida, juntamente com a professora Carmem Zeli de Vargas Gil. O objetivo era sensibilizar os atores da educação para a preservação do acervo documental e a valorização da memória da Faculdade, que à época comemorava 40 anos formando professores/as no Rio Grande do Sul. O aporte teórico que sustenta este relato encontra-se em Portelli, Ferreira e Moraes, no que se refere à história oral, e em Assmann e Ricœur, que abordam memória, recordação e esquecimento. Os objetivos desta comunicação são: analisar as narrativas docentes; constituir um acervo de história oral que subsidie futuras pesquisas; e divulgar esta coleção de modo a preservar e fortalecer a prática do uso da história oral na produção de pesquisas. A metodologia adotada parte de um recorte temporal (2023-2025), que coincide com a inserção das pesquisadoras tanto no setor quanto como colaboradoras desta ação. Na definição dos/as possíveis entrevistados/as, priorizou-se o tempo de docência na instituição, considerando que esses sujeitos estavam mais próximos da aposentadoria e carregavam consigo não apenas suas memórias pessoais e profissionais, mas também a memória viva da Faculdade. Nesse processo, optou-se por iniciar as entrevistas com professoras. Essa escolha não foi casual, uma vez que a predominância feminina no corpo docente da Faculdade é marcante. Por fim, observa-se que as narrativas trazem consigo afetos, experiências e estranhamentos, sobretudo quando se trata de verbalizar e expor vivências para que outras pessoas vejam, ouçam e sintam as motivações que compõem as trajetórias de vida.

Palavras-chave

CEME Faced/UFRGS; Memória institucional; Memória docente; Acervo oral; Narrativa docente.

¹ Mestra em Memória Social e Bens Culturais pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais – UniLaSalle. Bibliotecária-Documentalista no Centro de Memórias da Educação - Faced - UFRGS.

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, bolsista CAPES.

Introdução

Esta comunicação apresenta um relato de experiências a partir das entrevistas realizadas com professores e professoras da Faculdade de Educação, bem como do processo de constituição do acervo de memória institucional docente, pertencente ao Centro de Memórias da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME-Faced/UFRGS), no período de 2023 a 2025. A iniciativa integra as ações desenvolvidas pelas autoras, enquanto integrantes do Centro de Memórias, no esforço de registrar, preservar e refletir sobre as trajetórias docentes que compõem a história da Faculdade. Nesse contexto, o trabalho assume também um caráter de relato, ao articular nossas próprias vivências no processo de escuta, registro e organização do acervo com as narrativas das professoras entrevistadas, evidenciando o entrelaçamento entre memória institucional e experiência.

O trabalho parte da compreensão de que a memória institucional é um campo de disputa e de significação, no qual se entrelaçam lembranças pessoais, trajetórias profissionais e a própria história da instituição. Os objetivos desta comunicação são: analisar as narrativas docentes; constituir um acervo de história oral que subsidiem futuras pesquisas; divulgar esta coleção de modo a preservar e fortalecer a prática do uso da história oral na produção de pesquisas. Nesse sentido, a constituição de um acervo de história oral voltado à docência universitária se inscreve em um esforço de preservação e valorização das experiências formadoras que marcaram a Faculdade de Educação desde sua criação. As narrativas docentes, coletadas por meio de entrevistas gravadas e transcritas, configuram um conjunto documental que amplia as possibilidades de pesquisa sobre a história da formação de professores e professoras na UFRGS, bem como sobre o papel social e político da universidade pública.

A prática das entrevistas teve início em 2011, com o Projeto de Extensão “*Memória Faced: uma experiência de pesquisa com história oral*”, desenvolvido pela atual coordenadora do espaço, professora Dóris Bittencourt Almeida, juntamente com a professora Carmem Zeli de Vargas Gil. O objetivo do projeto era sensibilizar os atores da educação para a preservação do acervo documental e a valorização da memória da Faculdade, que à época comemorava 40 anos formando professores/as no Rio Grande do Sul.

A partir de 2019, o Memória Faced passou a funcionar, essencialmente, como um setor voltado à guarda de documentos da Faculdade de Educação, do Colégio de Aplicação e

da antiga Faculdade de Filosofia. A Faculdade de Filosofia, instalada em 1942, abrigava uma variedade de cursos e, em 1970, após a reforma universitária, foi desmembrada em cinco unidades: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Faculdade de Educação, Instituto de Biociências e Instituto de Letras. (Tutikian, 2010). Em 2023, o setor passou a preservar não apenas documentos em papel, mas também de outras materialidades que representam a história da educação no Rio Grande do Sul.

Foram incorporados itens da cultura escolar, como mobiliário e materiais didáticos, bem como uma coleção de livros com temáticas pertinentes à História da Educação e à formação docente. Diante desse novo cenário, tornou-se evidente a necessidade de sua consolidação como um centro de documentação, refletindo sua função mais abrangente. Assim, emergiu o Centro de Memórias da Educação (CEME-FACED), que vem constituindo também um acervo de História Oral, atualmente composto por 40 entrevistas, com o objetivo de disponibilizar essas narrativas a pesquisadores e pesquisadoras interessados na história da instituição e em suas práticas educativas.

Referenciais Teóricos e Abordagem Metodológica

A recordação procede de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada num repositório seguro e sim sujeita a um processo de transformação.” (Assmann, 2021, p. 33).

Ricœur (2007) aprofunda essa discussão ao examinar a relação entre memória, história e esquecimento, ressaltando a tensão entre fidelidade da lembrança e reconstrução narrativa. Para o autor, “a memória é, antes de tudo, o esforço para trazer de volta à consciência algo ausente [...]” (Ricœur, 2007, p. 41). No campo da História Oral, Portelli (1997; 2001) destaca o caráter interpretativo dos relatos orais e a importância da narrativa como forma de conhecimento histórico. Segundo afirma, “a história oral não é apenas uma fonte para preencher lacunas deixadas pelos documentos escritos, mas uma abordagem que oferece uma perspectiva distinta sobre o passado” (Portelli, 1997, p. 13). Complementarmente, Ferreira (2002) problematiza os usos e limites da História Oral enquanto método, discutindo suas implicações éticas, epistemológicas e políticas na pesquisa contemporânea. A autora coloca que, “a história oral pode assumir diferentes formas, dependendo dos objetivos da pesquisa:

pode ser usada para reconstituir trajetórias individuais, registrar experiências temáticas, reconstruir memórias institucionais [...]” (Ferreira, 2002, p. 21).

A partir desses referenciais, este trabalho articula debates sobre memória e narrativa no âmbito da História Oral, ressaltando a importância das lembranças individuais e das experiências coletivas como instrumentos de construção e reconstrução da memória social. Do ponto de vista metodológico, adotou-se um recorte temporal que compreende o período de 2023 a 2025, correspondente à inserção das pesquisadoras no Centro de Memórias, tanto como colaboradoras quanto como participantes diretas da ação.

As entrevistas realizadas nesse intervalo envolveram predominantemente professoras, situação que não decorre de um recorte intencional de gênero, mas reflete a composição histórica da docência na Faculdade de Educação e evidencia o protagonismo das mulheres na preservação das memórias institucionais. Esse movimento recente de escuta e registro articula-se a um percurso mais amplo iniciado em 2011, com o Projeto de Extensão “Memória Faced: uma experiência de pesquisa com história oral”, marco das ações sistemáticas de valorização e documentação da memória da Faculdade de Educação. A continuidade desse trabalho, agora integrada ao Centro de Memórias da Educação (CEME), visa expandir o acervo e consolidar procedimentos de pesquisa e preservação voltados à História Oral e às experiências formativas das docentes da instituição.

A definição das pessoas entrevistadas priorizou o tempo de docência na Faculdade, especialmente no caso de docentes aposentadas ou próximas da aposentadoria, cujas trajetórias reúnem elementos significativos da memória coletiva da instituição. A organização temática e a sistematização das entrevistas foram realizadas com apoio de ferramentas digitais de análise textual, utilizadas para auxiliar na identificação de recorrências e na delimitação dos eixos analíticos. As docentes entrevistadas; Eva Van Ditmar, Maria Beatriz Luce, Marisa Faermann Eizirik, Rute Vivian Ângelo Baquero, Darli Collares e Simone Valdete dos Santos, compõem um conjunto diverso de trajetórias que, ao serem postas em diálogo, revelam continuidades, tensões e singularidades na história recente da Faculdade de Educação. A análise dessas narrativas é apresentada na seção seguinte.

Memórias de Formação: Narrativas de Docentes Vinculadas à UFRGS

Ao analisar as narrativas das entrevistadas, foi possível identificar um conjunto de eixos temáticos recorrentes que permitem compreender diferentes dimensões das trajetórias docentes e institucionais. Esses eixos abrangem aspectos como:

- Origem familiar e social;
- Infância e formação escolar inicial;
- Influências familiares e modelos docentes;
- Escolha pela docência e ingresso no magistério;
- Trajetória universitária e ingresso na UFRGS;
- Representações sobre a escola normal e a formação de professores;
- Relações entre mulher e docência;
- Memória e sentimento de pertencimento institucional;
- Concepções de educação.

A partir desses eixos, tornou-se possível traçar o perfil de cada entrevistada, destacando, em cada caso, acontecimentos marcantes que contribuíram para a construção de suas identidades profissionais e para a compreensão de suas experiências no contexto educacional. Dito isso, passamos a apresentação das docentes entrevistadas e os eventos significativos, destacados pelas depoentes, em suas trajetórias:

Quadro 1: Entrevistadas e os eventos significativos para elas

Darli Collares

Data da entrevista: 25 de março de 2025.

Eventos significativos:

- Início da docência nas décadas de 1970–1980, com as primeiras experiências no Colégio Anchieta;
- Ingresso no Mestrado entre 1985 e 1990, sob orientação de Terezinha Flores;
- Defesa de dissertação com banca presidida por Lino de Macedo, no início dos anos 1990.
- Formação inicial marcada por forte vínculo com a escola pública e com práticas de leitura e escrita;
- Ingresso na Faculdade de Educação da UFRGS, onde construiu trajetória acadêmica e profissional;
- Atuação como docente e coordenadora em diferentes projetos de formação de professores;
- Participação em programas institucionais de extensão e pesquisa voltados à escola básica;
- Consolidação de sua trajetória na UFRGS, com destaque para a atuação no campo da alfabetização e da formação docente.

Eva Van Dítmar

Data da entrevista: 17 de agosto de 2023.

Eventos significativos:

- Atua na Fundação Ford, nos anos 1960–1970, coordenando projetos de fortalecimento das faculdades de formação de professores no interior do RS.
- É convidada pelo reitor Faraco para vir à UFRGS e organizar o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação (início dos anos 1970).
- Exige, como condição para assumir o trabalho, vínculo direto com a Reitoria, contribuindo para o modelo que mais tarde inspiraria a criação das Pró-Reitorias de Pós-Graduação no Brasil.
- Coordena a implementação do primeiro processo seletivo e do primeiro ano do Mestrado em Educação da UFRGS.
- Entre 1974 e 1977, trabalha na CAPES, colaborando na elaboração do primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação.
- Participa de sistemas pioneiros de avaliação e autoavaliação da pós-graduação brasileira.
- Atua como consultora internacional em diversos países da América Latina e África, com experiências marcantes em contextos de ditadura e de cooperação internacional.
- Mantém vínculo afetivo e intelectual com a FAGED, retornando em eventos comemorativos ao longo das décadas.
- Retorno à FAGED em 2023, após 50 anos, em visita comemorativa.

Maria Beatriz Luce

Data da entrevista: 28 de junho de 2023.

Eventos significativos:

- Recebe influência decisiva de uma professora do Colégio Santa Inês, que orienta sua formação pré-universitária por meio de leituras filosóficas.
- Enfrenta disputa familiar sobre qual curso seguir (Filosofia, Ciências Sociais ou Pedagogia).
- Ingressa na Faculdade de Educação da UFRGS para cursar Pedagogia.
- Vivencia dificuldades iniciais de adaptação, sentindo-se deslocada no ambiente universitário.
- Encontra acolhimento intelectual e formação crítica com professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).
- Amplia sua formação com influências marcantes do Instituto de Artes.
- Formação em Pedagogia na UFRGS se consolida, marcada pelas referências da Faculdade de Educação e do Instituto de Artes.
- Primeira experiência profissional (1967–1968) na Escola João XXIII.
- Casamento com o professor Fernando Luce, na década de 1970.
- Atuação como educadora e participação em projetos de formação docente desde o início da carreira.
- Inserção em atividades de pesquisa e extensão vinculadas à UFRGS.
- Desempenho de funções de gestão na universidade e envolvimento em políticas de educação superior.
- Retorno à UFRGS após atuação externa, consolidando trajetória vinculada à formação de professores e à gestão educacional.
- Participação ativa na ANPEd, entre os anos 2000 e 2020.
- Consolida identidade profissional na docência universitária e nas áreas de epistemologia e cultura escolar.
- Em 2023, encerrou mandato como 1ª secretária da ANPEd.

Marisa Faermann Eizirik

Data da entrevista: 8 de agosto de 2024.

Eventos significativos:

- 1967–1968 – Conclui ensino médio no Colégio de Aplicação da UFRGS e presta vestibular para Filosofia (UFRGS) e Psicologia (PUC).
- 1968 – É expulsa da PUC durante o AI-5 por participação política; readmitida posteriormente.
- 1970 – Formatura em Psicologia pela PUC.
- 1972 – Ingressa como docente na Faculdade de Educação da UFRGS e entra na primeira turma de mestrado em Educação.
- 1975 – Defesa da dissertação de mestrado; torna-se professora assistente concursada.
- Final dos anos 1970–início dos 1980 – Participa das reformas curriculares que reconfiguram o Departamento de Ensino e Currículo.
- Anos 1980–1990 – Consolida atuação acadêmica, introduzindo Foucault na FAGED e orientando trabalhos importantes.
- 1997 – Deixa a FAGED e passa a atuar como colaboradora na Psicologia Social e Institucional da UFRGS.
- 2019–2024 – Mantém produção intelectual, palestras e participação em projetos.

Rute Vivian Ângelo Baquero

Data da entrevista: 13 de agosto de 2024.

Eventos significativos:

- Ingressou na Pedagogia em um processo altamente seletivo: 6ª aprovada para 13 vagas.
- Atuação inicial em escola pública, com práticas inspiradas em Paulo Freire.
- Aprovada no concurso para Técnica em Educação em 1971, entre as primeiras na prova.
- Trabalhou no CPOE, órgão de pesquisa e orientação da Secretaria de Educação.
- Mestrado (1972) e doutorado (1979) nos Estados Unidos.
- Passagens acadêmicas posteriores na França, Inglaterra (Cambridge/Oxford), Itália e pós-doutorado na Argentina.
- Casou nos Estados Unidos em 1978, durante o doutorado.
- Ingressou no Departamento de Estudos Especializados (DEE) e atuou fortemente no PPG Educação.
- Ministrou disciplinas em EJA, supervisão e tecnologia educacional.
- Coordenou o PPG Educação, substituindo o professor Paulo Schütz.
- Desenvolveu pesquisas de EJA em vários municípios do RS.
- Tornou-se referência em pesquisa e estatística, após 11 cursos na área nos EUA.
- Participação ativa em movimentos estudantis e episódios de repressão em 1964.
- Após sair da UFRGS, foi convidada a estruturar o Mestrado em Educação da Unisinos, que se tornou um programa de forte destaque nacional.
- Atuação na Unisinos por aproximadamente 18 anos.
- Atuação em temas como EJA, juventude, cultura política, democracia e alfabetismo.
- Entrevista realizada em 2024, aos 78 anos.

Simone Valdete dos Santos

Data da entrevista: 9 de abril de 2025.

Eventos significativos:

- Formação no Magistério e início precoce da docência (anos 1980);
- Aprovação em 1º lugar no concurso para professora em São Leopoldo (1989);

Atuação em supletivo de fábrica, que orientou sua pesquisa acadêmica (início dos anos 1990);

- Ingresso como docente efetiva da UFRGS (1999);
- Defesa do doutorado sobre formação de trabalhadores (2003);
- Direção da Faculdade de Educação da UFRGS (2012–2016);
- Participação na implementação dos 30% das vagas do SISU na UFRGS (2010s);
- Promoção a professora titular (2019).

Fonte: elaborado pelas autoras a partir das narrativas das entrevistadas, 2025.

A análise das entrevistas realizadas entre 2023 e 2025 permite observar a constituição de um conjunto de memórias que atravessa mais de seis décadas de história da educação no Rio Grande do Sul. As narrativas evidenciam trajetórias diversas de professoras que atuaram em diferentes instituições e períodos, revelando o entrelaçamento entre experiências pessoais e processos institucionais. Desde as lembranças da formação escolar nas décadas de 1950 e 1960 até as ações recentes vinculadas ao CEME e à Faculdade de Educação, é possível identificar a continuidade e a renovação de práticas pedagógicas e de pesquisa.

As entrevistadas transitam por espaços como o Colégio Anchieta, o Instituto de Educação, o Colégio de Aplicação, a Fundação Ford, a UFRGS, o GEMPA e a Unisinos, demonstrando a circulação de saberes entre contextos locais, nacionais e internacionais. As falas também destacam o protagonismo feminino na consolidação da educação superior e na institucionalização da pós-graduação em Educação, com menções à criação do Programa de Pós-Graduação da UFRGS e à elaboração do primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação da CAPES, entre 1974 e 1977. As entrevistas mais recentes assumem um tom reflexivo e comemorativo, especialmente nas narrativas de docentes que retornam à instituição após décadas, reafirmando a importância do acervo de história oral como espaço de preservação, reconhecimento e transmissão da memória institucional.

Nessas trajetórias verifica-se, dentro dos eixos temáticos, pontos coesos e discrepâncias nas narrativas das entrevistadas. Abaixo um quadro estruturando estes pontos.

Quadro 2: Eixos temáticos, pontos coesos e discrepâncias.

Eixo Temático	Pontos Coesos (Convergências)	Discrepâncias / Singularidades
Origem familiar e social	A maioria das entrevistadas vêm de famílias de classe média ou média-baixa, com forte valorização da educação e do esforço pessoal. O trabalho dos pais aparece como elemento de sustentação e inspiração moral.	Eva Van e Marisa Eizirik têm origem mais cosmopolita, com experiências internacionais e familiares mais intelectualizados. Simone Valdete e Darli Collares vêm de origens populares e rurais, destacando o esforço das famílias para garantir o estudo.
Infância e formação escolar inicial	A escola aparece como espaço de afeto e disciplina, mas também de repressão. Muitas relatam mudanças de cidade e dificuldades de adaptação escolar.	Rute Baquero e Darli Collares destacam a rigidez das escolas de tradição alemã ou católica. Maria Beatriz Luce enfatiza o contraste entre a escola pública e a privada e a repressão moralista. Simone narra a luta da mãe para colocá-la numa escola “boa”, evidenciando desigualdades sociais.
Influências familiares e modelos docentes	Todas mencionam figuras familiares ou professores marcantes como referência vocacional.	Em Darli e Simone, o exemplo de professoras próximas (a irmã, da catequese, entre outras) é decisivo. Em Eva e Marisa, a influência vem mais de pares acadêmicos e contextos institucionais.
Escolha pela docência / magistério	A docência aparece como vocação construída, associada à afetividade, ao compromisso social e à transformação pela educação.	Para Eva e Marisa, a docência surge ligada à pesquisa e à gestão institucional; para Simone, é um gesto político e comunitário; para Darli e Rute, é herança cultural e resistência feminina.

Trajetória universitária / ingresso na UFRGS	Todas vinculam à UFRGS à consolidação profissional e à legitimação de suas trajetórias. A universidade é vista como espaço de formação e também de reconhecimento simbólico.	Eva narra a fundação do PPGEDU; Marisa Eizirik viveu a implantação e foi das primeiras professoras; Maria Beatriz Luce destaca a transição da Faculdade de Filosofia à de Educação; Darli, Rute e Simone chegam mais tarde, como continuadoras da história da instituição.
Representações da escola normal e formação de professores	O curso normal é descrito como base sólida da formação docente, com exigência, disciplina e experiências práticas marcantes.	Rute Baquero enfatiza a excelência da Escola Normal Primeiro de Maio; Darli relembra o Maria Imaculada; Simone associa o curso normal ao despertar político; as demais já vivenciam a formação superior.
Mulher e docência	Todas refletem sobre o papel da mulher na educação, seja como espaço de emancipação ou de sobrecarga. A docência é vista como campo historicamente feminino e de resistência.	Eva rompe o padrão como gestora estrangeira; Rute e Maria Beatriz problematizam o machismo estrutural; Simone e Darli falam das mães e irmãs como pilares; Marisa sublinha a conciliação entre maternidade e vida acadêmica.
Memória e pertencimento institucional	A FAGED e o CEME aparecem como lugares de memória e reconhecimento coletivo; há sentimento de continuidade entre gerações docentes.	Eva e Marisa falam da fundação; Rute, Maria Beatriz e Simone representam a consolidação e a expansão; Darli insere a experiência da escola básica e das práticas de alfabetização como memória viva da docência.

Fonte: elaborado pelas autoras utilizando a ferramenta de inteligência artificial ChatGPT a partir das narrativas das entrevistadas, 2025.

A análise comparativa das entrevistas revela a construção de um campo de memórias marcado por continuidades e singularidades entre diferentes gerações de docentes da Faculdade de Educação. As narrativas convergem em torno da valorização da educação como prática de emancipação e transformação social, evidenciando um ethos comum que associa o ensino à responsabilidade ética e ao compromisso com o outro. A origem familiar e social das entrevistadas aponta para trajetórias majoritariamente situadas em contextos de classe média ou média-baixa, nas quais o trabalho dos pais aparece como fundamento moral e exemplo de

esforço. As docentes Eva Van Ditmar e Marisa Faermann Eizirik, provinham de meios mais intelectualizados, e as docentes Darli Collares e Simone Valdete dos Santos, enfatizam o papel das famílias populares e rurais na superação de barreiras e na conquista do direito ao estudo.

A infância e a formação escolar inicial são evocadas como espaços ambíguos, permeados por afetos e experiências de disciplina, mas também por tensões e repressões. As lembranças da rigidez das escolas confessionais e da moralidade conservadora convivem com o reconhecimento da escola como lugar de sociabilidade e de descoberta do mundo. Nesse percurso, as influências familiares e os modelos docentes exercem papel decisivo na escolha profissional. Enquanto Darli e Simone remetem ao exemplo de professoras próximas e ao vínculo afetivo com a sala de aula, Eva e Marisa destacam a influência de pares acadêmicos e de contextos institucionais, revelando diferentes formas de constituição da identidade docente.

A escolha pelo magistério é, nas diferentes narrativas, um processo de construção vocacional que articula afetividade, compromisso social e desejo de transformação. Para algumas entrevistadas, a docência representa herança cultural e resistência feminina em meio a contextos adversos; para outras, como Eva e Marisa, está vinculada à pesquisa e à gestão, expressando uma dimensão intelectual e política do ensino. A trajetória universitária, especialmente a relação com a UFRGS, aparece como elemento de legitimação simbólica e consolidação profissional. As docentes mais antigas, como Eva Van Ditmar e Marisa Eizirik, remetem à fundação do Programa de Pós-Graduação em Educação e à institucionalização da pesquisa educacional no país; as gerações seguintes, representadas por Maria Beatriz Luce, Darli Collares, Rute Baquero e Simone Valdete, reafirmam esse legado ao situarem-se como continuadoras e difusoras de práticas formativas e de memória.

A dimensão de gênero atravessa todas as narrativas. As entrevistadas reconhecem a docência como espaço historicamente feminino, ao mesmo tempo em que denunciam as tensões e sobrecargas impostas às mulheres na vida acadêmica e escolar. As trajetórias revelam múltiplas estratégias de resistência, seja na conciliação entre maternidade, matrimônio e trabalho intelectual, seja na luta por reconhecimento em espaços de poder e decisão. Nesse contexto, o curso normal e as experiências de formação docente são evocados como alicerces sólidos da prática educativa, combinando rigor, disciplina e sensibilidade pedagógica.

Por fim, as representações da memória e do pertencimento institucional conferem unidade ao conjunto das entrevistas. A FAGED e o Centro de Memória da Educação (CEME)

surgem como espaços de reconhecimento coletivo e de continuidade entre gerações. As depoentes fundadoras, como Eva e Marisa, narram o início de um projeto de universidade pública voltada à formação crítica de professores, enquanto as mais jovens, como Simone e Darli, atualizam esse legado ao inscreverem suas trajetórias em práticas de pesquisa, extensão e preservação da memória. No entrecruzamento dessas experiências, delineia-se uma concepção de educação que recusa modelos tecnicistas e reafirma o vínculo humano, o afeto e a ética como fundamentos do ensinar. As narrativas, portanto, não apenas registram percursos individuais, mas compõem um quadro coletivo da história da educação no Rio Grande do Sul, no qual a docência feminina emerge como força motriz da construção institucional e da produção de saberes.

Conclusão

A organização das entrevistas em eixos temáticos permitiu observar como as trajetórias docentes dialogam entre si, revelando tanto os pontos de aproximação quanto percursos singulares. As memórias compartilhadas por elas, mostram diferentes maneiras de viver a educação, atravessadas por valores que associam o ensino à responsabilidade ética, ao compromisso social e à reflexão crítica.

As histórias de vida indicam que, apesar das diferenças de origem, existe entre parte das professoras uma experiência comum de afirmação profissional e de resistência, especialmente entre aquelas que iniciaram seus estudos em contextos populares ou rurais e, ao longo do tempo, conquistaram espaço no meio acadêmico. A docência aparece como escolha construída no cruzamento entre afetos, compromisso social e desejo de transformação, destacando o papel das mulheres na consolidação de práticas e saberes pedagógicos, aspecto que emergiu do conjunto das entrevistas, mesmo não tendo sido um recorte inicialmente planejado.

As narrativas também evidenciam os desafios enfrentados por essas docentes na conciliação entre trabalho, pesquisa e vida familiar, ao mesmo tempo em que revelam a capacidade de adaptação diante das mudanças no campo educacional. Nesse percurso, a FAGED surge como espaço de pertencimento e legitimação, no qual diferentes gerações reconhecem vínculos formativos e identitários.

As seis entrevistas trazem consigo afetos, experiências e estranhamentos, sobretudo quando se trata de verbalizar e expor vivências para que outras pessoas vejam, ouçam e

compreendam os movimentos que compõem cada trajetória. Nesse sentido, o acervo de história oral do Centro de Memória da Educação (CEME) não apenas preserva testemunhos individuais, mas constitui um espaço de escuta, elaboração e continuidade da memória docente. Ao reunir diferentes gerações e experiências, reafirma a potência da história oral como prática formativa e instrumento de compreensão do tempo presente, abrindo caminho para novos olhares sobre a memória e sobre a profissão docente.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe (coord.). 3. Reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jan./jun. 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007.

TUTIKIAN, J. F. Passeio por nós. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre. Vol. 14, n. 133 (nov./dez. 2010), p. 2.